

ANIVERSÁRIO DE PRATA DOS DESBRAVADORES — DOS BATEDORES DE PISTAS AOS CONQUISTADORES

Leo Ranzolin

Estava uma noite linda e serena. As cinzas do fogo de Acampamento brilhavam ainda como o sol-posto no poente. Eram horas de ir para a cama, mas os Desbravadores não pensavam assim. Continuavam ainda encantados pelo programa, pelo assoviar do vento nas árvores, pelos cânticos, olhando, completamente subjugados, as últimas achas que ardiam na fogueira. As tendas estavam dispostas em círculo à volta da fogueira. Havia um profundo silêncio na noite, um misterioso silêncio; o céu estava azul-escuro, sem quaisquer sinais de tempestade.

Uma hora mais tarde o vento começou a soprar com tal violência que todos ficaram alarmados. Imediatamente todos os conselheiros e demais pessoal directivo procuraram reforçar as estacas das tendas e prepararam-se para uma emergência. O céu estava agora bem escuro e o vento arrastava uma pesada chuva que caía em catadupas. Que fazer?

Visitei todas as tendas, advertindo os campistas a permanecerem calmos e a estarem prevenidos para uma tempestade. As meninas gritavam com pânico. De tenda em tenda aconselhei e encorajei os nossos jovens. Quando ia a chegar à última tenda, esta caiu. Os campistas ficaram completamente encharcados e as suas roupas em perfeita desordem, mas conseguimos acomodá-los noutras tendas para passarem a noite. Depois de algumas horas de chuva torrencial, esta parou finalmente. Que alívio! Foi uma das piores tempestades que vi na minha vida! Mas, importaram-se os Desbravadores com isso? Não! Na realidade

de os que maior molhadela apanharam nessa noite foram os que a recordavam como um acontecimento fantástico nas suas vidas!

Parece-vos familiar este relato? Sim, é este o espírito dos Juvenis e Desbravadores em todo o mundo. Eis porque escolhemos para o Aniversário de Prata em 1974 a divisa: «Sorri, és um Desbravador!» Seja qual for a situação, os Desbravadores arranjam sempre maneira de sorrir e desfrutar as muitas actividades do nosso programa de Desbravadores.

Como Começaram os Desbravadores

O termo Desbravador foi usado pela primeira vez no programa MV Juvenil por dois membros leigos em Santa Ana, Califórnia, nos anos trinta. Um deles era o Dr. Theron Johnston, que formou um clube na cave da sua residência e levou a efeito um programa muito semelhante ao que hoje temos. É difícil para nós compreender como pôde tal programa suscitar tão grande oposição, mas os tempos não eram apropriados para esta aventura na fé. De facto eles foram ameaçados de serem expulsos da igreja se não cessassem a promoção de tais actividades para rapazes e meninas. Todavia, eles não estavam trazendo o mundo para a igreja, mas sim mantendo a nossa mocidade juvenil longe do mundo, ocupando-a em suas actividades.

A Conferência Sudeste da Califórnia usou o nome de Desbravador no seu Acampamento de Verão em Idyllwild, na Califór-

(Continua na pág. 18)

SUMÁRIO

Aniversário de Prata dos
Desbravadores
A Juventude Adventista Obser-
vada do Exterior
Prelúdio a uma Descoberta
O Temor e a Glória
O Juízo e a Adoração
Caiu Babilónia
Tu e o Sinal da Besta
Semana de Oração dos Juvenis

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

MARÇO DE 1974

ANO XXXV

N.º 330

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



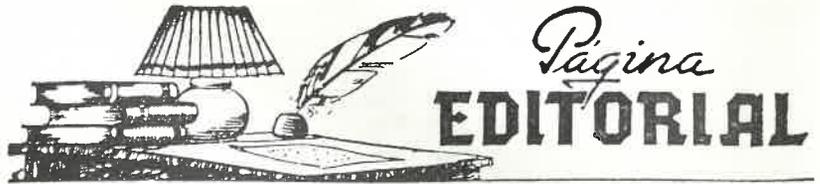
PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
L I S B O A

Administração:
RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V E M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00
Estrangeiro (ex-
cepto Brasil e Es-
panha): 55\$00
Número avulso 4\$00



A JUVENTUDE ADVENTISTA OBSERVADA DO EXTERIOR

O Conselho Mundial das Igrejas celebrou há pouco o 25.º aniversário da sua existência. Por essa altura, o Dr. Daniel Walther, antigo director do Seminário de Collonges e durante largos anos professor de História Eclesiástica na Universidade Andrews, entrevistou (ver Review and Herald, de 1 de Novembro de 1973, págs. 20, 21) algumas personalidades de relevo dentro daquela organização.

Uma das pessoas com quem falou foi o conhecido ex-secretário-geral, Dr. Visser 't Hooft, autor de vários livros traduzidos em português.

Tendo-lhe sido pedidas algumas palavras para a juventude adventista de hoje, depois de pensar um pouco, disse: «O meu tema seria Jesus Cristo. Conhecemos muito acerca d'Ele mas não O conhecemos a Ele. A mensagem do Cristo vivo, acessível a nós como indivíduos e como igreja, é ainda o mais poderoso dinamite espiritual. Eu conheço o vosso zeloso activismo. Tenho acompanhado com prazer o vosso belo trabalho em todos os sectores do mundo. Mas acautelai-vos. Podeis pensar que sabeis tudo o que diz respeito à salvação e à vida cristã. A vossa ênfase é sobre a palavra profética. Mas, francamente, será verdade que O conheceis? Cristo é o mesmo hoje como sempre, os corações humanos anseiam hoje por certezas mais do que nunca. Tendes trazido à igreja uma significativa contribuição; tendes-nos tornado despertos para o facto de que há um tempo do fim de

todas as coisas e, sobretudo, para o facto de que Cristo, o Senhor, vai voltar.

«Hoje o Senhor está reunindo os Seus. Se vós, jovens adventistas, Lhe prestardes atenção, Ele vos dirigirá. Se tiverdes uma experiência pessoal com o Senhor tereis algo para dizer. Se falardes apenas acerca do Senhor, por ouvir dizer, a vossa mensagem será insípida e infrutífera.

«Em certo sentido, não posso censurar a juventude de hoje por estar decepcionada com a igreja. Os jovens não são atraídos por vulgaridades envoltas em açúcar. O Cristo vivo e sempre acessível fica com demasiada frequência escondido no meio de sofisticada argumentação teológica. Ele deve ser re-descoberto como o foi nos dias da Reforma.»

Estas palavras, proferidas por um não-adventista que nos tem acompanhado suficientemente de perto para nos conhecer, deveriam fazer-nos reflectir um pouco.

Dar-se-á o caso de que, aptos a falar eloquentemente acerca de Cristo e da Bíblia, seja na realidade deminuta a nossa vivência pessoal com o Salvador?

O Cristianismo é, acima de tudo, uma relação pessoal — do crente com o Cristo vivo.

Possam as comunicações da Semana da Juventude deste ano ajudar-nos, não só a conhecer mais acerca de Cristo, mas a entrar numa nova relação com Ele.

E. Ferreira

O APOCALIPSE BATE À NOSSA PORTA

por Jean Doward

Sábado, 20 de Abril de 1974

PRELÚDIO A UMA DESCOBERTA

«Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado.» — *Testemunhos Selectos*, Vol. 3, pág. 443.

Nunca devemos perder de vista a perspectiva do passado. Os adventistas do sétimo dia surgiram, profeticamente, no tempo exacto. Se queremos fazer face à corrente crise, é necessário que voltemos ao nosso ponto de origem. Mas não é apenas a nossa história colectiva que precisamos de examinar; temos também de rever a direcção de Deus na nossa vida pessoal. Era costume cantarmos aquele velho hino «Conta as bênçãos, conta quantas são». O sentido das suas palavras ainda hoje é válido. Muitas vezes, quando me sinto só e julgo que Deus talvez me tenha deixado, começo a rever as Suas maravilhosas providências na minha vida.

Lembro-me duma ocasião, em 1958, quando a gripe asiática grassava pelo país e me deitou abaixo. Frequentava eu nessa altura o seminário e o único salário regular que entrava era do trabalho da minha mulher, em *part-time*, que cobria unicamente a renda. O resto era arranjado por mim, trabalhando como escritor e fotógrafo independente. Porém, doente, não conseguia ter ideias. Os dias prolongaram-se em semanas e a despensa ficou vazia. Hoje a minha mulher insiste em que restavam alguns feijões, mas a ideia que ainda tenho é de que só havia sal. Foi um momento de desânimo na nossa vida — como alimentar as nossas duas filhinhas e nós mesmos num tempo frio e tempestuoso, quando a doença nos estava dominando?

Poucas pessoas sabiam onde morávamos. Lembro-me de, certa manhã, depois da minha mulher ter saído, arrastar-me para fora da cama e ajoelhar-me pedindo a Deus que providenciasse um meio para fazer face àquela emergência. Mais tarde, quando

fui à porta, reparei num envelope ali entalado. Tinha o meu nome por fora, escrito à máquina, e dentro estavam cinco notas de dez dólares. Nada indicava quem teria sido o benéfico doador. Até hoje não temos nenhuma ideia de onde possa ter vindo aquele dinheiro. Era justamente o necessário para nos fazer sair daquela dificuldade. Por experiências como esta, compreendemos que nada temos a recear do futuro.

Tão-pouco temos alguma coisa a recear, como grupo de crentes! Sempre que nos sintamos perplexos acerca da nossa igreja e dos seus problemas, lembremo-nos de que, nos tempos antigos, houve pessoas que sentiram as mesmas preocupações e perplexidades. Quando o pequeno rei Josias, com apenas oito anos, começou a reinar, o povo de Judá estava espiritualmente arruinado. De nada serviria ao jovem monarca procurar conforto em comparações com o reino do norte. Todos os reis de Israel foram maus. Alguns foram piores, mas a responsabilidade de Josias era o reino de Judá. A Escritura dá-nos o registo da sua decisão:

«E fez o que era recto aos olhos do Senhor; e andou em todo o caminho de David, seu pai, e não se apartou dele, nem para a direita nem para a esquerda.» — II Reis 22:2.

Se tomarmos em conta a corrupção que reinava, temos que reconhecer o mérito de uma tal decisão.

«Ao tempo em que Josias começou a reinar, e muitos anos antes, os sinceros em Judá perguntavam-se em dúvida se as promessas de Deus ao antigo Israel seriam cumpridas. Do ponto de vista humano, o propósito divino para a nação escolhida parecia quase impossível de ser realizado.» — *Profetas e Reis*, pág. 384.

A sua volta, Josias não podia ver outra coisa senão a mais negra apostasia e a invasão do mal, a ponto de causar vertigem. Se tivéssemos vivido naquele tempo, com um mínimo de sentimento, por certo que nos teríamos também preocupado com a igreja. O bisavô de Josias, Ezequias, fora um bom rei, mas o seu avô, Manassés, havia descido ao ponto mais baixo. Tinha desfeito tudo quanto fizera Ezequias, introduzindo o culto de Baal na própria Jerusalém e erigindo altares à entrada do templo. Ali mesmo, ao lado do templo, havia casas construídas para prostitutas e sodomitas — de ambos os sexos — a fim de poderem participar nas cerimônias religiosas. Horríveis sacrifícios eram oferecidos aos deuses. Manassés chegou a fazer passar o seu próprio filho pelo fogo. O culto dos espíritos passou a fazer parte da adoração e Manassés tornou-se um feroz perseguidor de todos os que a ele se opunham. Não se contentava apenas com o mal, mas perseguia igualmente o bem. Segundo o que se pode saber, parece ter sido nesse tempo que Isaías foi liquidado, serrado em duas metades.

Amon, o próprio pai de Josias, tinha o nome do grande deus Sol, do Egito, e não mostrou a mínima inclinação para servir ao Senhor. O seu ímpio reinado começou quando ele tinha 22 anos e durou apenas dois, até ser assassinado.

Foi, pois, contra todos estes antecedentes que Josias tomou a sua decisão de servir a Deus. Mesmo com o decorrer dos anos aquela decisão não foi alterada. E, subitamente, quando atingira a idade de vinte anos, fez-se uma grande descoberta. Removendo nos poirentos arquivados da casa do Senhor, o sacerdote Hilquias encontrou o livro da lei. E novamente foram lidas aquelas Palavras inspiradas:

«Inclinaí os ouvidos, ó céus, e falarei: e ouça a terra as palavras da Minha boca. Goteje a Minha doutrina como a chuva, destile o Meu dito como o orvalho, como chuvisco sobre a erva e como gotas de água sobre a relva. Porque apregoarei o nome do Senhor: daí grandeza ao nosso Deus.» — Deut. 32:1-3.

Esta descoberta lançou alvoroçadamente Josias numa grande série de reformas. Destruiu todo o vestígio de idolatria. Não há, em toda a Bíblia, nada de semelhante à obra de Josias.

«E antes dele, não houve rei semelhante, que se convertesse ao Senhor, com todo o seu coração, e com toda a sua

alma, e com todas as suas forças, conforme toda a lei de Moisés: e depois dele, nunca se levantou outro tal.» — II Reis 23:24.

Aquilo de que mais necessitamos, hoje, é um verdadeiro reavivamento e reforma. Seremos capazes de descobrir, uma vez mais, as mensagens dadas a este povo em Apocalipse 14? Não será tempo de o povo de Deus se debruçar novamente sobre a fonte das suas origens e encontrar outra vez o sentido das Três Mensagens Angélicas?

«Satanás está constantemente buscando lançar sua sombra infernal em torno dessas mensagens, de modo que o povo remanescente de Deus não distinga claramente sua importância, seu tempo e lugar; elas vivem, porém, e devem exercer sua força sobre nossa experiência religiosa enquanto o tempo durar.» — *Mensagens Escolhidas*, Vol. II, pág. 117.

Ora os anjos de Deus nunca foram encarregados de pregar o evangelho, mas devemos recordar-nos de que «os três anjos de Apocalipse 14 são representados como voando pelo meio do céu, o que simboliza a obra dos que estão proclamando a primeira, segunda e terceira mensagens angélicas.» — *Testemunhos Selectos*, Vol. II, pág. 372.

Estas mensagens foram designadas para elevar a qualidade da vida já neste mundo e para preparar um povo que possa apresentar-se diante de Deus, na Sua vinda.

«E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo.» — Apoc. 14:6.

O verdadeiro fundamento da nossa mensagem é o evangelho eterno — a Boa Nova. Boa, porque Cristo destruiu as obras do diabo, provando que ele era mentiroso. A lei de Deus pode ser observada. Cristo veio salvar-nos dos nossos pecados — não neles.

É a Boa Nova porque temos agora um representante no Céu — o nosso Irmão mais velho — que para sempre conservará os sinais do pecado. Será sempre o mesmo. Ele compreende cada problema, cada dor, e não está mais longe de nós do que o pulsar do nosso próprio coração.

É a Boa Nova porque Cristo venceu a morte. Havemos de ver outra vez os nossos queridos e amigos. Ele deixou-nos uma sepultura vazia. Todos os outros túmulos de grandes chefes continuam ocupados!

O TEMOR E A GLÓRIA

«Temei a Deus e dai-lhe glória.» — Apoc. 14:7.

Há uma sequência lógica nas afirmações dos três anjos. Estas primeiras palavras precisam de ser bem compreendidas, pois lançam o fundamento de toda a relação do homem com o seu Criador.

A tirania exercida pelas palavras muitas vezes nos impede de compreender o significado profundo das coisas. A palavra «temei» é um destes exemplos. Encerra dois elementos, um negativo e outro positivo. Um dia dispus-me a estudar, com um grupo de jovens, justamente o sentido destas palavras: «Temei a Deus». O assunto tornou-se tão apaixonante que passámos quatro horas a aprofundar o seu significado, chegando depois à conclusão de que era muito mais vasto do que a princípio imagináramos.

Para a maior parte das pessoas, a ideia de temor está relacionada com medo, pavor, espanto, pânico, terror ou semelhantes estados emocionais. Podemos ter diversos graus de temor, desde a claustrofobia até à agorafobia. A palavra temor tem uma variedade de sentidos, como «temor mórbido» e «temor salutar». A natureza ambivalente desta palavra torna-se evidente quando a estudamos. Como é usada nas Escrituras, a palavra «temor» tem uma vasta gama de significados, tal como a palavra «vinho» que é usada com sentidos diversos, desde a referência ao «mosto num cacho» até àquela outra de «quando respandece no copo». Mas quando nos é dito para temermos a Deus, isso significa res-



É a Boa Nova porque Ele virá outra vez e porá um termo final ao pecado. Por isso João teve a visão do anjo que voava com uma mensagem para proclamar ao mundo. *Porque a própria mensagem do primeiro anjo contém, em essência, uma condensação de todo o evangelho de Jesus Cristo.*

Leitura complementar:

II Reis 22 a 23:28.

O Conflito dos Séculos, ed. de Portugal, págs. 340, 436.

peito e reverência à Pessoa Divina. Até neste sentido prevalece a ambivalência do termo. Com efeito, a facilidade que o homem tem de se aproximar de Deus é contrabalançada por um certo receio que se apodera dele e o prosterna.

É verdade que somos convidados a chegarmos-nos «com confiança, ao trono da graça», mas, como Isaías, quando realmente nos encontramos na presença de Deus, exclamamos: «Ai de mim, que vou perecendo».

Quando compreendemos o carácter maligno do pecado, começamos a ver a razão por que este conflito, esta ambivalência, é tão forte. O nosso Deus é um Deus de amor, mas odeia o pecado. Foi este elemento do ódio ao pecado que fez Adão e Eva esconderem-se. É este problema do pecado que leva qualquer pessoa que conheça Deus a recear ser manchada por ele. Os verdadeiros homens de Deus através de todas as eras tiveram sempre este sentimento.

«Retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e piedade; porque o nosso Deus é um fogo consumidor.» Heb. 12:28, 29.

Uma vez apreendido o significado do ódio que Deus tem pelo pecado, podemos compreender então o que quer dizer temer a Deus. Somos atraídos para Ele porque é o nosso Pai, mas não podemos evitar de sentir um respeitoso temor que nos inclina diante da Sua santidade. «O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.» Sal. 111:10. «O temor do Senhor é o princípio da ciência.» Prov. 1:7.

Satanás procura sempre explorar a natureza do ódio que Deus tem pelo pecado para deturpar o seu verdadeiro sentido e nos apresentar Deus como sendo um tirano. Fê-lo primeiramente no Céu e continuou depois a utilizar o mesmo sistema na Terra.

Actualmente, que a maioria das pessoas já reagiu contra a ideia do Deus-Tirano, Satanás lança-lhes na frente outra ideia deturpada da Divindade — humanizando-A, sentimentalizando-A através da música, da arte e da literatura. É por isto que a moderna forma de cristianismo apresenta sérias lacunas. Se é verdade que Jesus é o nosso Irmão mais velho, não é menos verdade que continua a ser o nosso Deus! Quando é necessário lidar com o pecado,

Ele é o mesmo tanto no Antigo como no Novo Testamento. «Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, eternamente.» Heb. 13:8.

Aquele que teme verdadeiramente a Deus está tão bem protegido, pela Sua majestade e poder, que não tem receio dos homens. Precisamos de fixar bem este facto antes de considerar a mensagem do terceiro anjo. Os grandes homens de Deus sempre o compreenderam. Uma vez, quando Martinho Lutero foi ameaçado de ser queimado na fogueira para as suas cinzas serem lançadas ao Reno, voltou-se para aqueles que o ameaçavam e respondeu: «Vão à procura doutra pessoa a quem possam meter medo.» Deus disse: «Não te deixarei, nem te desampararei. E, assim, com confiança, ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem.» Heb. 13:5 e 6.

As três primeiras palavras da mensagem implicam também uma condição. «Temei a Deus» subentende uma absoluta lealdade à Sua Pessoa, uma completa submissão à Sua vontade.

«E dai-Lhe glória» é uma das passagens mais difíceis da Bíblia, porque a sua aplicação requer que as palavras não sejam apenas pronunciadas pela boca, mas que honestamente encontrem um eco no íntimo do coração. Dar-Lhe glória toca o nervo sensível do nosso orgulho. O que simplesmente se passa é que a nossa natureza não está inclinada a fazê-lo. Queremos a glória para nós mesmos. Quando analisamos realmente este ponto, ficamos perturbados porque muitas vezes somos religiosos apenas pelo prestígio. Apreciamos respirar os mortíferos perfumes do aplauso porque excita o nosso orgulho.

Há alguns anos, quando durante o serviço militar fomos obrigados a nos submeter a um certo treino contra a guerra química, fizeram-nos cheirar um gás venenoso muito diluído. Lembro-me de quando me passaram a garrafa de fosgéneo. Desrolhei-a e fiz uma ligeira inspiração. Cheirava deliciosamente como feno acabado de ceifar. Senti o desejo de respirar aquele gás mais profundamente, mas repus a rolha no seu lugar e passei a garrafa, lembrando-me das palavras do instrutor de que alguns segundos bastavam para matar.

Desde os primeiros anos da nossa vida estamos habituados a receber, a título de distinção, certas insígnias, fitas ou placas atestando que fizemos, dissemos, vimos ou estudámos isto ou aquilo, mas para glória de quem? Sentimo-nos muito superiores aos pagãos com as suas marchas sobre o fogo, flagelações, peregrinações e moinhos de fazer orações, mas já alguma vez nos

examinámos honestamente? Possuímos nós a verdadeira fé que salva? Não se pode manifestar maior incongruência na vida de um professo cristão do que procurar ele a honra unicamente para si próprio. Faz-nos lembrar os primeiros discípulos quando discutiam sobre quem seria o maior. Pensamentos terrenos, um reino terreno... tudo isso veio a ser modificado no cenáculo. Só então Deus pôde operar por intermédio deles.

Hoje ainda nos encontramos na fase da discussão, fazendo competição em tudo, desde o número de baptismos até ver quem conseguiu mais dinheiro na campanha. Se Deus nos desse hoje um derramamento pentecostal do Seu Espírito, chego a recear que a glória acabasse por ser desviada para nós mesmos. Não acredito que fôssemos capazes de resistir a uma ressurreição! Se Pedro estivesse possuído da mesma atitude que nós hoje temos, quando apresentou Dorcas ressuscitada teria insistido em que a notícia fosse publicada com todos os pormenores no «Jornal de Jerusalém» e no «Diário de Nazaré».

«Dai-Lhe glória» é um pensamento tão profundo que influencia todo o texto que segue. É a chave para toda a reforma.

«Cristianismo pressupõe uma reforma do coração. O que Cristo opera no interior, será manifesto no exterior sob os ditames de um intelecto convertido. O plano de iniciar pelo exterior e procurar operar interiormente, tem sempre falhado e falhará sempre. O plano de Deus para vós é começar na própria sede de todas as dificuldades — o coração — e então do coração hão-de jorrar os princípios da justiça; a reforma será tanto externa como interna.» — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 35.

Como professor, aprendi já há muito tempo que, se se disser a alguém para tirar as suas jóias, essa pessoa continuará a usá-las por debaixo da roupa. Por outro lado, se conseguirmos uma certa conformidade no exterior, o mérito é atribuído à nossa influência. Quando é Cristo que exerce a influência no interior, é Ele quem recebe a glória.

Mas o orgulho é apenas um dos aspectos a considerar quando falamos de dar glória a Deus. Há ainda a nossas atitudes, a nossa conversação, os pensamentos íntimos, o próprio núcleo da nossa vida — o que fazemos, o que vestimos... tudo. Aquelles que glorificam a Deus podem realmente servir-se da oração do Senhor.

«Quando orais; ‘Santificado seja o Teu nome,’ pedis que seja santificado em vós. Deus vos reconheceu como Seu filho, perante homens e anjos, orai para que não desonreis ‘o bom nome que sobre vós foi invocado.’ Tiago 2:7. Deus nos envia ao mundo como representantes Seus. Em cada acto da vida deveis tornar manifesto o nome de Deus. Esta petição é um convite para que possuais o carácter d’Ele. Não Lhe podeis santificar o nome, nem podeis representá-lo perante o mundo, a menos que na vida e no carácter representeis a própria vida e carácter de Deus. Isto só podereis fazer mediante a aceitação da graça e justiça de Cristo.» — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 107.

E se quisermos ser semelhantes a Cristo, «cada acto da Sua vida, cada palavra proferida, cada milagre operado, devia ter em vista tornar conhecido à humanidade caída o infinito amor de Deus.» — *Profeta e Reis*, pág. 696. Assim terá de ser na nossa vida, se quisermos verdadeiramente glorificar a Deus. E glorificá-lo dá à vida uma experiência duradoura de paz e alegria.

«Saber que possuímos um Amigo que nunca falha, a quem podemos confiar todos os segredos da nossa alma, é uma feli-

cidade que as palavras nunca poderão exprimir.» — *Counsels on Health*, pág. 628.

«Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em Ti; porque ele confia em Ti.» — Isaías 26:3.

Será, pois, de admirar que o primeiro anjo tenha exclamado em alta voz «Temei a Deus e dai-Lhe glória?»

Leitura complementar:

(Sobre «Temei a Deus»)

I João 4:18

Heb. 4:16

Heb. 12:21

Êxo. 20:18-21

Jer. 30:5-7

Isa. 25:9

Sal. 111:10

Prov. 1:7

Sal. 34:7, 9 e 11

Sal. 19:9

II Tim. 1-7

(Sobre «Dai-Lhe glória»)

I Cor. 6:19,20

I Cor. 10:31

Rom. 12:1, 2

«O Maior Discurso de Cristo», pág. 107



Quarta-feira, 24 de Abril de 1974

O JUÍZO E A ADORAÇÃO

«Porque é vinda a hora do Seu Juízo.» — Apoc. 14:7.

Isto é mais do que uma certeza matemática, um mero cálculo da sensacional profecia dos 2300 dias. É mais do que contabilidade e registo de informações nos livros celestes. Tem que ver directamente com a segunda divisória do santuário do Céu.

Já estudámos a primeira parte da mensagem do primeiro anjo e chegamos agora à passagem designada para nos preparar para aquele grande dia em que Cristo há-de dizer: «Está consumado.»

Estamos de posse da firme palavra da profecia.

«Como as estrelas no vasto circuito da sua indicada órbita, os desígnios de Deus não conhecem adiamento nem tardança.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 32.

A terminação do mais longo período profético assinalou a purificação do santuário celeste. Chegou o dia da expiação — 22 de Outubro de 1844.

No antigo Israel este dia era o Sábado dos Sábados.

«Toda esta cerimónia tinha por fim impressionar os israelitas com a santidade de Deus e o Seu horror ao pecado; e, demais, mostrar-lhes que não poderiam entrar em contacto com o pecado sem se poluir.» — *O Conflito dos Séculos*, Ed. de Portugal, pág. 308.

Nesta última fase do ministério de Cristo há duas partes a considerar — a investigação e a remoção do pecado.

«Como a purificação típica do santuário terrestre se efectuava mediante a re-

moção dos pecados pelos quais se poluía, igualmente a purificação real do santuário celeste deve efectuar-se pela remoção, ou pagamento, dos pecados que ali estão registados. Mas antes que isso se possa cumprir, deve haver um exame dos livros de registo para determinar quem, pelo arrependimento dos pecados e fé em Jesus Cristo, tem direito aos benefícios da Sua expiação.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 310. «No grande dia da expiação final e do juízo de investigação, os únicos casos a serem considerados são os do povo professo de Deus.» — *Ibid.*, pág. 352. «Todos os que já professaram o nome de Cristo serão submetidos àquele perscrutador escrutínio. Tanto os vivos como os mortos devem ser julgados 'pelas coisas escritas nos livros, segundo as suas obras'.» — *Ibid.*, pág. 356.

O processo celestial do juízo investigativo inclui três espécies de registos:

- (1) «O livro da vida contém os nomes de todos os que já entraram para o serviço de Deus.» — *Ibid.*, pág. 352.
- (2) «Um memorial escrito diante de Deus, no qual estão registadas as boas acções dos 'que temem ao Senhor, e para os que se lembram do Seu nome' ... No livro memorial de Deus toda a acção de justiça se acha imortalizada.» — *Ibid.*, p. 352.
- (3) «Há também um relatório dos pecados dos homens. 'Porque Deus há-de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau.'» — *Ibid.*, pág. 352, 353.

«A investigação não se faz para informação de Deus ou de Cristo, mas para informação do universo em geral ... para que Deus possa ser justificado ao aceitar uns e rejeitar outros.» — *SDA Bible Commentary*, Vol. IV, pág. 828.

À luz do contemporâneo afastamento de toda a norma moral, é de suprema necessidade que compreendamos a nossa relação com a lei de Deus.

«A lei de Jeová é grande do mesmo modo que é grande o seu Autor. No juízo será reconhecida como santa, justa e boa em todos os seus requisitos. Os que transgridem essa lei verão que hão-de ter sérias contas a apresentar a Deus, porque as Suas reivindicações são decisivas.» — *SDA Bible Commentary*, Vol. VII, pág. 966.

Devidamente compreendida, esta parte da nossa mensagem responde ao desafio dos que pretendem que o homem pode estabelecer a sua própria norma daquilo que é certo e daquilo que é errado. «A hora do Seu juízo» dá o equilíbrio à nossa vida. Evita que o pêndulo se desloque até aos extremos do legalismo e do sentimentalismo. Quando tivermos apreendido bem esta passagem da Escritura, ela influenciará cada aspecto do nosso modo de viver. Envolve um arrependimento genuíno e um afastamento do pecado. Cada dia deveríamos dizer a nós mesmos: «Este é o dia da expiação».

O que se passa com o caso dos vivos? Quando eu era mais jovem na fé, costumava pensar que talvez Deus seguisse a ordem alfabética de A a Z; se assim fosse os da letra Z teriam um período mais longo de graça. Realmente Deus não utiliza esse método.

«Deus julga cada homem segundo as suas obras. Não somente julga, mas verifica dia a dia e hora a hora o nosso progresso em fazer o bem.» — *SDA Bible Commentary*, Vol. VII, pág. 987.

Deus não é jamais apanhado de surpresa. Ele não diz: «Aquele homem foi atropelado por um automóvel, Eu não tinha o seu registo em dia!» Ele sabe momento após momento, exactamente, a nossa posição no juízo.

«Dia a dia se faz nos livros do Céu o registo das vossas palavras, das vossas acções e da vossa influência. Tereis de enfrentar um dia esta realidade.» — *Bible Echo*, 15 Jan. 1900.

Para que os vivos possam apresentar-se à vista de Deus sem um mediador depois de encerrado o tempo da graça, os seus caracteres têm de reflectir a imagem de Jesus duma maneira completa.

«Enquanto o juízo de investigação prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento de pecado, entre o povo de Deus na Terra.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 312.

Cristo tomou amplas providências para cada emergência.

«Nenhuma tentação é irresistível. Podeis confiar que Deus não permitirá que a tentação se torne tão forte, a ponto de a não poderdes suportar, porque Ele

assim prometeu e cumprirá a Sua palavra. Ele vos mostrará como escapar ao poder da tentação, para que possais resistir pacientemente contra ela.» — 1 Cor. 10:13, *The Living Bible*.

Aqui a chave consiste no nosso desejo de aceitar a grande providência tomada por Deus para podermos resistir ao diabo. Se viermos a perder-nos, será simplesmente porque não quisémos aceitá-la. Tudo depende da vontade, e aqui está a beleza desta primeira mensagem angélica. Volta a nossa mente para Aquele que tem o poder de nos transformar à Sua própria imagem. Prepara de igual modo o nosso espírito para a parte seguinte do versículo, que nos lembra o Seu poder.

«E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.» — Apoc. 14:7.

«O direito de Deus à reverência e culto, acima dos deuses dos gentios, baseia-se no facto de que Ele é o Criador, e que a Ele todos os outros seres devem sua existência.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 347.

Saio muitas vezes de noite para caminhar sob as estrelas. Gosto de pensar nas estrelas, não apenas nas que estão por cima de mim, mas também nas que estão aos lados e por baixo e a toda a volta deste mundo redondo. Deleito-me em deixar o meu espírito meditar naquela simples e sublime passagem das Escrituras: «E fez as estrelas.» Isto dá-me forças para enfrentar seja qual for o problema ou a tarefa do dia presente, porque quando olho as estrelas compreendo que «pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca ... Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu.» — Sal. 33:6, 9. Aqui está a energia cristalizada!

A razão básica para o Sábado reside no poder de Deus para criar e no Seu poder para recriar-nos à Sua imagem.

«E também lhes dei os Meus sábados, para que servissem de sinal entre Mim e eles: para que soubessem que Eu sou o Senhor que os santifica.» — Ezeq. 20:12.

É interessante notar a época em que apareceu a teoria da evolução. O seu desenvolvimento deu-se depois de 1844. Não foi simples coincidência. O inimigo é um diligente estudante das Escrituras e a data dos acontecimentos é de muita importância para a sua diabólica causa. Ele tinha de contrariar esta porção da primeira mensagem angé-

lica: «E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.»

Cada geração tem os seus mitos, e é sempre mais fácil detectar os mitos doutras culturas do que os daquela que é a nossa. Qualquer que se dispusesse discuti-lo seria considerado louco. Todos os homens instruídos do século XII sabiam que a Terra era plana. Nenhuma outra possibilidade era sequer admitida. A evolução é o mito cultural do século XX. Promete dar uma explicação total de toda a realidade sem ser necessário responder ao Deus da criação ...

«Cientificamente, o conceito de evolução já esgotou praticamente a sua utilidade. Têm-se-lhe encontrado tantas contradições internas que a hipótese deixou de ter interesse. Apesar de tudo prossegue a lavagem cerebral. Livros de texto de escolas secundárias, programas científicos educativos transmitidos pela TV e a imprensa popular continuam a jogar com a credulidade humana. A evolução (como se o termo se referisse a uma entidade precisa) é apresentada 'tal como acontece'. Mostram-se diagramas e ilustrações dos progressos da vida em período de milhões de anos. Quase se poderia ser levado a acreditar que a revista tinha uma capa viva ... Mas o homem moderno precisa desesperadamente do seu mito. A natureza é a sua mãe e a sua lei os seus princípios, porque o homem não quer consentir que Deus reine sobre ele. No entanto a esperança é a liberdade; caso contrário ele será também uma máquina. E assim ele se encontra entre duas ideias totalmente contraditórias. Mas o homem prefere esta dificuldade a reconhecer os direitos do Rei.» — Clark H. Pinnock, *Set Forth Your Case*, págs. 78, 79.

E porque subsiste a evolução a despeito de tudo? Escutai:

«A evolução obtém êxito, não porque seja uma doutrina séria, mas porque é cômoda para a espécie de fé humanística que o homem moderno loucamente adoptou em lugar do evangelho cristão. Ela subsiste apesar da natureza, não ajudada por ela ... Qualquer teoria até agora apresentada requer que se acredite em qualquer momento num milagre maior do que o da própria criação.» (*Ibid.*, págs. 80 e 81).

Resumindo todas as teorias — o niilismo, o existencialismo, a evolução, a teologia moderna e todos os concebíveis desvios do evangelho — encontra-se sempre na base a mesma coisa interessante. Podemos cha-

CAIU BABILÓNIA

«E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilónia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição.» — Apoc. 14:8.

O termo «caiu Babilónia» aplica-se especificamente ao protestantismo apóstata. O paganismo tem sido corrupto desde o princípio e ainda o é. O catolicismo romano há séculos que se encontra caído. As igrejas protestantes que iniciaram solidamente uma grande obra desviaram-se da fé e pode realmente dizer-se que estão agora na condição de caídas.

«Declara-se que Babilónia é 'mãe das prostitutas'. Como suas filhas devem ser simbolizadas as igrejas que se apegam às suas doutrinas e tradições, seguindo-lhe o exemplo em sacrificar a verdade e a aprovação de Deus, a fim de estabelecer uma aliança ilícita com o Mundo. A men-



mar-lhe neo-panteísmo porque se trata de culto da criatura no sentido mais próprio do termo. O homem é responsável apenas perante si mesmo. Isto não é mais do que um reavivamento sofisticado do antigo culto de Baal. Será admiração que se diga que temos a mensagem do profeta Elias? «Até quando coxeareis entre dois pensamentos?» «Adorai Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas.»

Leitura complementar:

(Sobre o Juízo)

Isa. 1:19, 20

Apoc. 22:11

«O Conflito dos Séculos», pág. 315

«Profetas e Reis», pág. 716.

(Sobre a Adoração)

Sal. 8:3,4

Sal. 33:6-9

Sal. 95:1-7

«Patriarcas e Profetas», págs. 27, 28.

sagem de Apocalipse 14, anunciando a queda de Babilónia, deve aplicar-se às organizações religiosas que se corromperam. Visto que esta mensagem se segue à advertência acerca do juízo, deve ser proclamada nos últimos dias; portanto, não se refere apenas à igreja de Roma, pois que esta igreja tem estado em condição decaída há muitos séculos.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 281.

A Bíblia tornou-se sem sentido para a grande massa de protestantes que adoptaram a teologia moderna. Numa grande igreja da qual eu era membro, uma vez um jovem pastor começou a lição da classe bíblica rasgando lentamente páginas da sua Bíblia. A ilustração visava a ideia de que a Bíblia não contém mais do que mitos hebraicos e lendas e que foi suplantada por «teologia mais avançada e mais desenvolvida» hoje. Depois de ter rasgado assim a Bíblia toda, o jovem pastor atirou com as capas, simbolizando que a Palavra de Deus não tem mais aplicação. Na verdade ele estava representando bem a trágica condição das igrejas protestantes. Sem a Palavra de Deus como âncora, não fazem mais do que bater contra as rochas da infidelidade.

Quando as chamadas igrejas protestantes da linha principal rejeitaram a mensagem do primeiro anjo, ficaram maduras para aceitar os enganos de Satanás. Assim aceitaram cedo a teoria da evolução e, a partir desse ponto, tornou-se inevitável a corrente a favor do humanismo e da teologia moderna liberal.

Até mesmo os classificados como evangélicos, conservadores, crentes fundamentalistas na Bíblia, estão crivados pelo erro. Partindo duma ideia falsa da santificação e passando pelas teorias do arrebatamento secreto, do inferno sempre a arder, seguiram os passos de Roma. Tanto os chamados «liberais» como os «conservadores» têm mantido os erros do catolicismo romano, especificamente as duas grandes falsas doutrinas da santidade do domingo e da imortalidade da alma.

Os protestantes apostatados, de há muito seguindo as iníquas práticas de Roma, fo-

ram deixados com um Cristo fabricado por eles próprios. O Cristo real deixou o primeiro compartimento do santuário celeste para entrar na última fase da Sua obra.

Os adventistas do sétimo dia têm absoluta necessidade de saber onde se encontram. Somos os únicos no mundo a quem Deus pode chamar a Sua igreja remanescente. Não temos seguido fábulas artificialmente compostas. Não ousamos chamar Babilónia a este movimento como alguns têm feito, mas não devemos esquecer-nos de que há um pouco de «Babilónia» em cada um de nós. O interesse egoísta, a exaltação do eu, são uma parte dela. É por esta razão que muitos adventistas do sétimo dia se não-de-unir no fim aos opositores da verdade. Muitos dentre nós têm estado a acostumar-se mal e a condescender com o pecado, e no entanto são os que mais severamente criticam tudo o que faz a igreja.

Há também uma alarmante tendência para atenuar a mensagem que nos foi dada. A tendência hoje é de isolar as doutrinas como algo de frio e estéril, ignorando ao mesmo tempo o amor de Jesus ligado a essas doutrinas. A atitude presente é mais ou menos esta:

«Se não te arrependeres, por assim dizer, e não confessares de certo modo os teus pecados, perder-te-ás até certo ponto.»

O velho rifão: «Amacia o áspero texto para ouvidos delicados e na vida da condenação não estamos interessados» costumava ser aplicado por nós às igrejas populares. Adoptámo-lo agora para nós mesmos? Precisamos de saber que Satanás é mestre em simulações. Alguns círculos protestantes parece que estão connosco, mas é apenas uma armadilha. Uma armadilha porque todos somos propensos a «comprar» o pacote completo.

Hoje batem-se muitas palmas e até com os pés ... fala-se muito de Jesus e de amor. Mas há um método pelo qual ainda podemos detectar onde estão as falhas. «À lei e ao testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.» — Isa. 8:20. Embora tenhamos o explícito conselho de não julgar, temos certamente o direito de inspeccionar os frutos, porque «pelos seus frutos os conhecereis».

É surpreendente ver como o cristianismo popular hoje se aproxima do espiritismo. No livro *O Conflito dos Séculos*, sob o título de «O Espiritismo», lemos as seguintes palavras:

«Preocupa-se com o amor, como o principal atributo de Deus, rebaixando-o, porém, até reduzi-lo a sentimentalismo enfermizo, pouca distinção fazendo entre o bem e o mal. A justiça de Deus, a Sua reprovação ao pecado, os requisitos da Sua santa lei, tudo isto é posto de parte.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 410.

Na crise final, sentimos o triplo poder duma iníqua aliança que não suportará qualquer oposição:

«Os protestantes dos Estados Unidos serão os primeiros a estender as mãos através da voragem para apanhar a mão do espiritismo; estender-se-ão por sobre o abismo para dar as mãos ao poder romano; e, sob a influência desta triplíce união, este país seguirá as pegadas de Roma, conculcando os direitos da consciência.» — *Ibid.*, pág. 432.

Embora estas palavras se dirijam especificamente aos Estados Unidos, todo o mundo será afectado pelo impacto. Hoje, mais do que nunca, precisamos de compreender como Cristo nos torna capazes de guardar a lei de Deus. Não estamos aqui para condenar o povo de Babilónia, mas para o convidar.

«Os obreiros serão antes qualificados pela unção do Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino. Homens de fé e oração serão constrangidos a sair com zelo santo, declarando as palavras que Deus lhes dá. Os pecados de Babilónia serão patenteados. Os terríveis resultados da imposição das observâncias da igreja pela autoridade civil, as incursões do espiritismo, os furtivos mas rápidos progressos do poder papal — tudo será desmascarado.» — *Ibid.*, pág. 446.

Quem deitará a máscara abaixo? Quem fará o convite? Que vozes se erguerão para o chamado final? O segundo anjo é o único dos três que não clama com grande voz. A urgência, o brado terá lugar quando o quarto anjo de Apocalipse 18 fizer o seu apelo final:

«E, depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilónia, e se tornou morada de demónios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de toda a ave imunda e aborrecível ... E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo

TU E O SINAL DA BESTA

«A mais terrível ameaça que já foi dirigida aos mortais, acha-se contida na mensagem do terceiro anjo. Deverá ser um terrível pecado que acarretará a ira de Deus, sem mistura de misericórdia.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 329.

Lançaram sobre os nossos ombros o manto da responsabilidade profética ... de avisar o mundo e preparar um povo para se apresentar diante de Deus. Os homens não devem ficar na ignorância do que significa o sinal da besta. Enquanto muitos estão dizendo alguma coisa acerca da segunda vinda de Cristo, Deus encarregou-nos de atrair a atenção das pessoas novamente para o Criador, proclamando o sábado num modo mais completo. Pela nossa vida e palavras devemos demonstrar o verdadeiro significado do sábado. É por essa razão que existe uma correlação tão estreita entre a justificação pela fé e a mensagem do terceiro anjo.

«Vários me escreveram inquirindo se a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo e eu respondi: É na verdade a mensagem do terceiro anjo.» — *Review and Herald*, 1 de Abril de 1890.

Ainda ninguém recebeu o sinal da besta. Embora muitos cristãos no passado tenham honestamente guardado o domingo em lugar do sábado e ainda hoje haja



Meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.» — Apoc. 18:1, 2, 4.

Leitura complementar:

Patriarcas e Profetas, págs. 113 e 114.

Apoc. 17:3-6.

O Conflito dos Séculos, págs. 281, 282, 284, 316, 317, 439; capítulo «O Espiritismo»

«Verdadeiros cristãos em todas as igrejas ... Deus aceita a sinceridade do propósito de tais pessoas e a sua integridade.» — *O Conflito dos Séculos*, pág. 329.

Há alguns anos, o piloto dum pesado jacto B707 estava-se aproximando do aeroporto internacional de Portland. Ouviu distintamente as instruções que eram transmitidas pela torre, mas dado que vinha do lado leste e seguia o Rio Colúmbia, não reparara na existência doutro aeroporto na vizinhança. Subitamente olhou para baixo e viu o aeroporto local de Troutdale. Pensando tratar-se do aeroporto de Portland, baixou o trem de aterragem e desceu naquele pequeno aeroporto que estava preparado para receber apenas aviões pequenos e leves. Não é preciso dizer que ele viu acabar-se-lhe a pista num momento e acabou por parar no meio dum campo de couves. Pensara honestamente que estava certo mas errou completamente o objectivo que era o aeroporto de Portland. As autoridades tiveram finalmente que desmontar o avião para o retirar e posso assegurar-vos que o mesmo piloto não voltou a repetir a experiência.

Pessoalmente posso simpatizar com aqueles que honestamente guardam o domingo como se fosse o sábado. Sei o que é acreditar sinceramente nalguma coisa e estar completamente errado. Na minha mocidade a guarda do domingo era muito estrita. Não havia jogos de bola ... nenhum divertimento usual. Quão rapidamente a verdade de Deus veio alterar a minha convicção! É por esta razão que a mensagem do terceiro anjo deve ser levada a todo o mundo.

«Quando, porém, a observância do domingo for imposta por lei, e o mundo for esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade que a de Roma, honrará desta maneira ao papado mais do que a Deus. Prestará homenagem a Roma, e ao poder que impõe a instituição que Roma ordenou. Adorará a besta e a sua imagem.» — *Ibid.*, pág. 329.

Há tendências actuais que nos indicam de maneira bastante acentuada como a profecia se está a cumprir diante dos nossos olhos. Estamos avançando a passos seguros para o clímax final. Os movimentos de aproximação entre protestantes, papistas e espiritistas são uma corrente forte e persistente. Com as forças inclinadas a destruir toda a oposição contra a observância do sábado falso, é evidente que o povo de Deus terá de fazer face ao tempo das dificuldades. E nessa altura parecerá a coisa mais fácil, mais simples e mais lógica de todas no mundo aceitar o sinal da besta — para obedecer ao terrível poder do estado.

Hoje Satanás está utilizando a técnica suavizante e sedutora de criar um clima favorável à substituição de valores eternos por vantagens humanas. Quando, em Junho de 1940, caiu a célebre linha Maginot, esta fortaleza dita inexpugnável ainda se encontrava intacta, mas os homens que guarneciam os canhões tinham sido dominados pela propaganda subversiva do inimigo. O que os jornalistas tinham antes chamado de guerra de palavras tornou-se subitamente numa batalha real. Em breve todo o país foi invadido pelos alemães e a França caiu.

A profecia diz-nos que enquanto os Estados Unidos estiverem em evidência, todo o mundo será colocado em face duma crise decisiva. Hoje não é difícil compreender como isso pode acontecer. Os grandes meios de comunicação tornaram possível ao homem tomar conhecimento tanto do bem como do mal. O diabo conhece este princípio mental simples — pela contemplação somos transformados. Ele conhece bem os meios de comunicação. Livros, revistas, jornais, rádio, TV, cinema têm caído sobre a terra como espesso nevoeiro londrino, espalhando o sentimento de que «tudo serve». Comediantes, cómicos e comentadores seguem as instruções do chefe maligno principal, destinadas a destruir tudo o que é sagrado e puro. O homem é uma lei para si mesmo. Uma vez projectado pelo inimigo o conceito de que seja o que for que se relacione com a lei de Deus é legalístico, não é muito difícil manobrar a mente de modo a fazê-la aprovar o pecado. Quando realmente sobrevier a imposição duma lei dominical, o povo será completamente surpreendido, sem a devida preparação.

«A linha de separação entre cristãos professos e ímpios é agora dificilmente discernida. Os membros da igreja amam o que o mundo ama, e estão prontos para se unirem a ele; e Satanás está resolvido a uni-los em um só corpo, e assim forta-

lecer a sua causa arrastando-os todos para as fileiras do espirismo.»—*Ibid.*, págs. 423 e 433.

O processo de preparar mentes humanas para aceitarem o sinal da besta é um assunto de vida ou de morte:

«Tudo está agora em causa. A mensagem do terceiro anjo deve ser considerada como de suma importância. É uma questão de vida ou de morte.»—*SDA Bible Commentary*, Vol. 7, pág. 980.

«Pessoa alguma, a não ser os que fortaleceram o espírito com as verdades da Escritura, poderá resistir no último grande conflito. A toda a alma virá a inquiridora prova: Obedecerei a Deus de preferência aos homens?»—*O Conflito dos Séculos*, pág. 436.

Quando nos entregamos totalmente a Cristo, o Seu Espírito pode utilizar-nos na proclamação da advertência final. O valor que hoje atribuímos ao sábado determinará o resultado do conflito amanhã.

«O sábado será a pedra de toque da lealdade; pois que é o ponto da verdade especialmente controvertido. Quando sobrevier aos homens a prova final, traçar-se-á a linha divisória entre os que servem a Deus e os que O não servem... Conquanto uma classe, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, receba o sinal da besta, a outra, preferindo o sinal de obediência à autoridade divina, recebe o selo de Deus.»—*Ibid.*, págs. 445 e 446.

Hoje é o dia da nossa preparação. HOJE. Não é pois de admirar que o anjo tenha dito à Senhora White: «Preparai-vos. Preparai-vos. Preparai-vos.»—*Primeiros Escritos*, pág. 66.

«Se os que crêem na verdade não forem sustentados na sua fé durante este tempo de relativa paz, que poderá então segurá-los de pé quando sobrevier a grande prova e sair o decreto contra todos os que não adorarem a imagem da besta e receberem o seu sinal na testa ou na mão?»—*Testimonies*, Vol. 4, pág. 251.

Leitura complementar:

O Conflito dos Séculos, págs. 326, 327, 433, 434, 436, 448.

Semana de Oração dos Juvenis

Meditações preparadas por Donald L. John

Sábado, 20 de Abril de 1974

A GRANDE DISCUSSÃO

Já alguma vez tiveste uma grande discussão com alguém? Uma discussão realmente grande? Depois disso sentiste-te mal e ficaste com a sensação de que teria sido melhor evitá-la. E desejava fazer de novo as pazes. Talvez isso não tenha sido possível e perdeste um amigo.

Procuremos imaginar a maior, a mais desagradável discussão que jamais se travou entre duas pessoas. Qual pensas que tenha sido? Acerca de saber se a Terra era plana ou redonda? Acerca de saber se descendemos dos macacos ou se fomos criados por Deus? Esses são assuntos sobre os quais existe muito desentendimento, é certo. Mas há ainda um mais importante. A maior discussão de todos os tempos!

Foi acerca de Deus. É verdade, Deus. Como se pode levantar uma discussão acerca de Deus? As discussões, na maioria dos casos, são sobre ideias e opiniões. Como se pode estar em desacordo sobre Deus? Bem, Satanás discordou. Disse que Deus não era justo. Disse que Deus fez uma quantidade de regras sem nenhuma outra razão a não ser a de tornar homens, mulheres e crianças todos escravos. Todas essas regras, como o que se deve comer, aonde se deve ir e qual é o dia de repouso, todas essas regras, disse ele, foram feitas por Deus unicamente para nos ter debaixo da Sua mão.

O diabo, ou Lúcifer como então se chamava, não criticou tanto a lei em si mesma, como a razão por que Deus a estabeleceu. Satanás sabia que as pessoas precisam de regras que as guiem e ajudem a lidar umas com as outras. O que realmente o revoltou foi a razão que, pensou ele, teria levado Deus a estabelecer regras.

Quer dizer, Satanás pensa que Deus faz regras apenas para nos trazer sujeitos. Satanás acusa Deus de nos tratar como animais de circo, sendo as regras comparadas aos arcos através dos quais somos obrigados a saltar enquanto Ele observa. Foi esta a maior discussão jamais desencadeada. Deus fez a Sua lei apenas para nos submeter às Suas ordens ou para nos mostrar a melhor maneira de viver, a maneira de obter da vida a maior alegria e satisfação?

Há uma palavra que te ajudará a lembrar em que consiste toda esta discussão a que chamamos a grande controvérsia entre Cristo e Satanás. A palavra é «motivo». Motivo significa a razão para fazer alguma coisa; porque se faz aquilo que se faz.

O grande conflito entre Deus e Satanás, entre o bem e o mal, é sobre o motivo ou razão pela qual Deus deu as Suas leis. Porque foi? Satanás diz que Ele nos deu regras para nos tornar Seus escravos obedientes. Deus diz que não. Nunca fiz uma regra para te tornar um escravo. Cada regra, cada orientação, cada parcela da Minha lei foi feita para te ajudar a obter na vida o máximo de felicidade, alegria e bem-estar.

É esta a maior de todas as discussões. Quem pensas TU que tem razão, Deus ou Satanás? Achas que Deus fez uma grande quantidade de regras maçadoras unicamente para te sujeitar ao Seu domínio, ou pensas que Deus fez essas regras para te ajudar a conseguir o melhor que se pode obter da vida?

Leitura complementar:

Patriarcas e Profetas, capítulo I.



Domingo, 21 de Abril de 1974

TU, SATANÁS E DEUS

Portanto, a maior discussão que jamais se registou foi sobre a razão pela qual Deus estabelece regras às quais devemos obedecer. Satanás afirmou que Deus as estabelece unicamente para nos dominar como se fôssemos animais de circo. Deus nega essa afirmação. Não quero animais amestrados. Quero rapazes e raparigas livres e satisfeitos; e acima de tudo quero jovens cristãos que realmente acreditem que as Minhas leis se destinam ao seu bem.

Qual é a tua posição nesta controvérsia

SER COMO DEUS

entre Deus e Satanás? De que lado te encontras durante a maior parte do tempo? É muito importante que o saibas, porque cada dia que passa a tua tendência se acentua cada vez mais para um lado ou para o outro. Com cada acto e pensamento tornas-te mais amigo de Deus ou mais amigo de Satanás. Um assunto muito sério, não achas?

Vejam, amigos, acreditamos que Deus nos criou, e porque foi Ele e não outro, é Ele quem sabe o que é melhor para nós. Quando vos dão um modelo de automóvel ou avião para construir, lá estão as instruções a explicar como armar todas as peças, etc. Não prestando atenção a essas instruções e fazendo as coisas ao contrário, corre-se o risco de estragar o carro ou o avião. A mesma coisa acontece quando a mamã faz bolos ou quando o papá compra um carro novo. Quem construiu o carro e quem preparou a embalagem para fazer a massa sabe como obter o melhor resultado num e noutro caso, por isso preparou instruções para a mamã e para o papá, para que possam fazer um bom bolo e aproveitar as vantagens do novo carro.

A mesma coisa se passa com Deus. Ele criou-nos, e as Suas regras são simples instruções sobre a melhor maneira de viver. O fabricante dum automóvel não fornece as instruções aos vossos pais só para aborrecer ou sujeitar, limitando o uso do carro novo; Deus não nos dá regras apenas para nos aborrecer ou sujeitar a elas. Como a companhia construtora do automóvel, Ele dá-nos regras porque sabe o que é melhor para nós e quer que o tenhamos. Acreditamos realmente no teu íntimo que Deus faz tudo o que pode para o nosso bem e felicidade? Crês realmente que assim é? É isso que é fé: crer que Deus só quer o nosso bem.

A fé significa confiar que Deus nos dá regras e ideias na Bíblia e nos livros da Irmã White para nos mostrar como obter o máximo, não o mínimo que a vida nos pode dar.

Satanás está errado. Se acreditares nele, não terás fé em Deus. Fé em Deus significa acreditar que Deus nos dá a Sua lei para enriquecer a nossa vida e nos tornar felizes; fé em Satanás significa crer que Deus nos deu a Sua lei apenas para nos manter subjugados, para nos tornar escravos cegamente obedientes. De quem é a tua fé, de Deus ou de Satanás?

Leitura complementar:

O Conflito dos Séculos, Introdução.

Uma das coisas que Satanás disse a Eva, quando a tentou no jardim do Éden, foi: «Se comeres este fruto serás como Deus». Mas existe uma maneira certa e outra errada de ser como Deus.

Os adventistas crêem que todos deviam ser como Deus, não será assim? Muitas vezes se fala de sermos tão bondosos como Jesus ou como o Pai. Satanás também deseja ser como Deus; que devemos fazer? Como podemos ser como Deus, da maneira certa?

O problema é que a ideia de Satanás acerca de ser como Deus está errada. Ele quer fazer-nos acreditar que Deus não nos ama. Se conseguir fazer-nos desconfiar de Deus, criticar a Sua pessoa e a Sua Lei, ficará satisfeito. Satanás quer que vejamos em Deus um grande patrão, empurrando tudo e todos. Se puder, far-nos-á revoltar contra Deus e desejar ser patrões de nós mesmos. Ninguém gosta de ser empurrado, não é verdade? Tu não gostas que alguém te procure impor tudo o que há-de fazer. Não, ninguém gosta disso. Se alguém te disser para fazeres qualquer coisa, desejas que essa pessoa seja amável e sincera e tome em consideração o teu próprio bem.

Amigos, há duas maneiras de ser como Deus. A maneira de Satanás é muito desagradável; impor, à maneira de patrão, o que cada um há-de fazer. Mas nós não acreditamos num Deus assim. Jesus veio mostrar-nos a espécie de Deus que devemos imitar. Jesus mostrou-nos que Deus é terno, afável, atencioso, justo, honesto, sincero; podemos alongar a lista das Suas qualidades. O Deus que temos de imitar é aquele que Jesus veio mostrar-nos através da Sua vida. Não Satanás. Jesus.

Sim, devemos ser como Deus. Mas ser-vos como Jesus, não patrões como Satanás.

Vejamos esta mensagem importante que devia ser aprendida de memória:

«Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus. — *Parábolas de Jesus*, pág. 69.

Jesus não virá até que haja um grupo de pessoas que O tenha realmente imitado, copiando o Seu carácter; até que haja um grupo de pessoas que completa e satisfatoriamente procedam e pensem como Ele. É por isso que Deus nos dá as Suas regras. São realmente orientações e instruções que nos mostram como podemos tornar-nos semelhantes a Ele.

Leitura complementar:

Parábolas de Jesus, capítulo «O Desenvolvimento da Vida».



Sexta-feira, 26 de Abril de 1974

O PAI NATAL E DEUS

É melhor teres juízo,
Não te faças um chorão;
Que chorar não é preciso;
Vou-te dizer a razão:
Vem aí o pai Natal.

Está fazendo uma lista
Para saber quem merece;
Passa todos em revista
E nenhum menino esquece.
Vem aí o Pai Natal.

Ele vê quando tu dormes;
Sabe quando estás de pé.
Não precisa que o informes,
Quando és mau ou bom ele vê;
Faz o bem e não o mal.

É melhor teres juízo,
Não te faças um chorão,
Que chorar não é preciso;
Vou-te dizer a razão:
Vem aí o Pai Natal.

O que há nesta pequena poesia que nos faça pensar em Jesus? Haverá algumas semelhanças entre a história do Pai Natal e a de Cristo? Vejamos. Escutem. O Pai Natal está a fazer uma lista de quem é mau e quem é bom. Jesus faz a mesma coisa. O Pai Natal está a chegar para recompensar os meninos bons, Jesus também. Tem muita importância se somos bons ou somos maus. Mas ainda que existam muitas seme-

lhanças, há uma grande diferença entre o Pai Natal, nesta poesia, e Jesus. Qual pensam vocês que é?

A diferença está em que nesta poesia não está explicado porque tem importância sermos bons ou sermos maus. Faz o bem e não o mal. Não diz realmente porque estamos a ser observados, a não ser para ver se somos maus ou bons. Mas a história acerca de Jesus diz-nos a razão por que estamos a ser observados. Ele deseja saber se estamos preparados para viver no céu. Seríamos ali cidadãos de confiança, ou fariamos críticas e queixas como Satanás fez há muito tempo?

E há mais uma coisa ainda. A história do Pai Natal é apenas um exemplo das muitas e muitas vezes que escritores têm expressado o sentimento de quem é observado por alguém do exterior; alguém maior do que eles. O poeta Shakespeare disse: «Todo o mundo é um palco, e todos os homens e mulheres simples actores.» Pessoas de todas as idades e de todas as partes do mundo têm tido o sentimento de ser observadas por uma assistência invisível e de serem os seus actos e pensamentos registados em livros invisíveis.

Os adventistas do sétimo dia acreditam que não apenas Deus mas todo o universo, os habitantes de milhares de longínquos planetas, nos estão a observar todos os dias. Reparem nesta declaração da Irmã White:

«Se acalentássemos uma impressão habitual de que Deus vê e ouve tudo que fazemos e dizemos, e conserva um registo fiel de nossas palavras e acções, e de que devemos deparar tudo isto, teríamos receio de pecar. Lembrem-se sempre os jovens de que, onde quer que estejam, e o que quer que façam, acham-se na presença de Deus. Parte alguma de nossa conduta escapa à observação. Não podemos ocultar nossos caminhos ao Altíssimo. As leis humanas, embora algumas vezes severas, são muitas vezes transgredidas sem que isto seja descoberto, e, portanto, impunemente. Não assim, porém, com a lei de Deus. A mais escura meia-noite não é uma cobertura para o criminoso. Ele pode julgar-se só, mas para cada acção há uma testemunha invisível. Os próprios motivos de seu coração estão patentes à inspecção divina. Cada acto, cada palavra, cada pensamento, é tão distintamente notado como se apenas houvesse uma pessoa no mundo inteiro, e a atenção do Céu nela estivesse centralizada.» — *Patriarcas e Profetas*, pág. 218.

Que tal o que acabamos de ler? No meio dum palco, com todos os olhos voltados para ti, só para ti, reparando em tudo o que fazes?

Mas porque presta Deus tanta atenção àquilo que fazemos? E porque se não-de interessar também os povos do universo que não pecaram? Há uma declaração que a Irmã White faz acerca de Abraão e nos ajuda a compreender porquê:

«O sacrifício exigido de Abraão não foi somente para seu próprio bem, nem apenas para o benefício das gerações que se seguiram; mas também foi para instrução dos seres destituídos de pecado, no Céu e em outros mundos. O campo do conflito entre Cristo e Satanás — campo este em que o plano da salvação se encontra formulado — é o compêndio do universo. Porquanto Abraão mostrara falta de fé nas promessas de Deus, Satanás o acusara perante os anjos e perante Deus de ter deixado de satisfazer as condições do concerto, e de ser indigno das bênçãos do mesmo concerto. Deus desejou provar a lealdade do Seu servo perante o Céu todo, para demonstrar que nada menos que perfeita obediência pode ser aceito, e para patentear de maneira mais ampla, perante eles, o plano da salvação.» — *Patriarcas e Profetas*, págs. 151 e 152.

Há duas razões, realmente uma só, por que somos observados tão atentamente. Os que não pecaram querem ter a certeza, mesmo a certeza de que não há perigo em que sejamos levados para o Céu. Eles não querem que o problema do pecado volte novamente ao princípio. Desejam que se aceite apenas aqueles que tenham uma confiança *perfeita* em Deus e não murmurem acerca da maneira como as coisas se passam no Céu. Esta é uma razão, mas se fosse só isto, os anjos bastariam para nos inspeccionar. Os outros seres do universo não teriam que perder o seu tempo a observar este desorganizado mundo. Por isso deve haver algo mais; deve haver uma razão para todos esses seres santos prestarem atenção ao que se passa na nossa vida.

A segunda razão é simples. Deus na maneira correcta como sempre trata todas as coisas, convidou esses seres a observar e comparar como Ele nos trata e como Satanás nos trata. Deus convidou todas as criaturas a verificar se é justificada a acusação feita por Satanás de que Deus é um condutor de escravos ou um grande patrão que sabe tudo e impõe a sua vontade.

Sabes que tu próprio és um actor todos os dias, representando para Deus ou para Satanás? Quando te queixas e desprezas a lei de Deus, és um actor de Satanás. Quando procuras fazer o que Deus pede, ainda que cometendo erros, se no teu íntimo realmente crês que Deus apenas quer o teu bem, então estás representando para Deus.

Para quem representas tu, para Deus ou para Satanás? Revoltas-te contra as regras de Deus ou acreditas que elas são para teu bem e felicidade? Tem muita importância, porque há alguém que te observa.

Leitura complementar:

Patriarcas e Profetas, capítulo «A Prova da Fé».



Sábado, 27 de Abril de 1974

UM SONHO ADVENTISTA

Ês um sonhador? Às vezes gostarias de ver as coisas diferentes do que são? Por exemplo, a cena duma criança a quem tiveram que bater, ou quando um simpático animalzinho doméstico é atropelado no meio da estrada? Quando estás doente, ou quando morre alguém de quem tu realmente gostes? Quando termina uma brincadeira ou se parte um brinquedo, não gostarias que as coisas se passassem doutra maneira? Os jovens adventistas do sétimo dia deveriam todos ser sonhadores; deveriam todos sonhar, todos os dias, com as palavras de Apocalipse 21:5: «Eis que faço novas todas as coisas!» Se estás interessado num versículo que realmente apresente a mensagem da tua igreja, é este. Fazer outra vez todas as coisas novas, saudáveis e frescas. Todas as coisas.

O pecado trouxe a doença; trouxe a dor e os sentimentos penosos; trouxe a falta de compreensão e a tristeza. Tal como um brinquedo, o mundo vai ficando velho e usado à medida que o tempo passa. Que desordem!

No entanto Deus resolve voltar a arrumar todas as coisas. A religião é o contrário de pecado. O pecado e o mal destroem e arruinam; a religião e a fé redimem e saram.

A religião mais fiel é aquela que sara o maior número de pecados. Compreendes este pensamento? Se uma religião é realmente fiel à vontade de Deus, ela tem em vista sara-los tudo, ou como diz o texto, «fazer novas todas as coisas.»

A religião verdadeira pede duas coisas de ti. Primeiramente, que confies na maneira como Deus faz todas as coisas. Deves acreditar que Deus nunca estabeleceu uma regra ou deu uma indicação que não tenha sido destinada a proporcionar-te o melhor. Acreditas? Confias em Deus desta maneira?

Em segundo lugar, uma vez na posse das instruções divinas, deves segui-las pela razão justa. Lembra-te da palavra «motivo»! Motivo é a razão de fazeres aquilo que fazes. O teu motivo de seguir as regras de Deus deve ser puro. Deves obedecer, não por teres medo do teu pai ou pastor, ou até de Deus; deves obedecer porque realmente crês que os métodos de Deus são os melhores. É importante ter as regras exactas e é importante segui-las porque acreditas que são dons que te fez um Deus que te ama. Mais uma coisa. Já alguma vez pensaste na razão por que os jovens adventistas têm tantas regras e instruções? Têm instruções sobre aquilo que devem comer, os lugares que devem frequentar, o que devem fazer, que espécie de vestuário devem usar, etc. O facto de existirem tantas regras não te perturba às vezes? Perturba?

Bem, não devia perturbar-te, pela razão seguinte: O pecado danificou todas as partes de todas as coisas, e os adventistas do sétimo dia, ao contrário de outros cristãos que pouco se preocupam, entendem que a verdadeira religião deve consertar todas as partes de tudo quanto o pecado danificou. Para corrigir todos estes problemas, para fazer todas as coisas outra vez novas, é necessário uma quantidade de regras de orientação. Para renovar completamente toda a criação, tem que haver instruções completas, pormenorizadas.

Se apenas quiséssemos curar a nossa alma, teríamos necessidade só dum certo número de regras. Mas os adventistas distinguem-se por querer curar todas as coisas; a alma e o coração das pessoas, o seu corpo, e tudo o que foi criado. É por isso que Deus nos deu tantos pormenores. É por isso que a Bíblia e os escritos da Irmã White nos oferecem tantas ideias boas para manter a saúde, a felicidade, e a renovação da nossa vida.

Por isso, na próxima vez que alguém ousar importunar-te por pertenceres a uma igreja severa, com uma quantidade de regras, responde que qualquer igreja que de-

seje ver toda a criação de Deus outra vez nova, limpa e fresca, precisa de muitas regras e ideias boas para se orientar.

Leitura complementar:

O Conflito dos Séculos, capítulo «A Terminação do Conflito».



Aniversário de Prata dos Desbravadores

(Continuação da pág. 1)

nia, denominando-o Acampamento de Verão dos Desbravadores MV Juniors. Nos anos quarenta um número de Conferências através de toda a América do Norte pôs em prática um programa semelhante à actual ideia dos Desbravadores. O Pastor L. A. Skinner, director de jovens na União do Pacífico Norte, teve um club conhecido por Exploradores.

O Pastor John Hancock, actual director de Jovens da Conferência Geral, foi eleito secretário da Conferência Sudeste da Califórnia em 1946. Recebeu algumas ideias dos Exploradores nas Conferências do Pacífico Norte e Califórnia do Norte e decidiu começar um programa semelhante no Sudeste da Califórnia.

Não foi difícil escolher um nome para a nova organização. Dado que o Acampamento se intitulava Acampamento de Desbravadores, pareceu lógico chamar a este novo Clube, Clube MV Juvenil de Desbravadores. A ideia estava lançada e o pastor Hancock recebeu novo estímulo para começar esta aventura quando uma mãe foi ter com ele ao escritório após o regresso de seu filho do Acampamento de Verão e lhe perguntou: «Porque não pode o Acampamento de Verão durar todo o ano? O nosso filho veio do Acampamento com uma luz celestial no olhar.» Foi então que o Pastor Hancock viu que o programa dos Desbravadores ajudaria a experiência do Acampamento de Verão a tornar-se parte importante do programa semanal das igrejas locais.

Em 1946 o Pastor Hancock desenhou o emblema dos Desbravadores que ainda hoje está em uso em todo o mundo. O triângulo representa os aspectos tri-dimensionais dos Desbravadores: desenvolvimento físico, mental e espiritual. O escudo no meio é símbolo da verdade atravessado pela espada do Espírito. Isto representa as ideias do programa de desenvolvimento do carácter do Desbravador, com os seguintes objectivos:

1. Demonstrar, através de um programa de actividades, quão atractivos são os ideais cristãos.

2. Guiar nossos rapazes e meninas num serviço missionário activo.

3. Desenvolver o carácter e a boa cidadania.

4. Promover as Classes e Distinções MV.

O Primeiro Clube

O primeiro Clube, apoiado pela Associação, teve início em Riverdale, na Califórnia. Um jovem universitário, Francis Hunt, foi eleito director pela igreja de Riverside, para iniciar um Clube de 35 membros.

O Clube tinha as suas reuniões nas casas dos membros e começou muitas das actividades ainda hoje populares entre os Desbravadores, tais como acampamentos, cursos de cozinha, padaria, trabalhos em couro e plásticos.

A ideia ganhou forma noutras associações e começaram a aparecer Clubes de Desbravadores por toda a parte. Em 1947, a Conferência Geral pediu à União do Pacífico para promover a organização de Clubes de Desbravadores. O Pastor J. R. Nelson, director dos jovens, desenvolveu a ideia dos Desbravadores até ficar um plano bem organizado e unificado. Lawrence Paulson, director do Clube de Desbravadores de Glendale, escreveu os primeiros Livros de Empreendimentos MV juniores. A Associação Central-Californiana foi a primeira a ter coordenadores de Área ou Distrito Desbravador, um programa hoje bem estabelecido.

Henry Bergh, director de jovens na Conferência Central-Californiana, desenhou a bandeira oficial dos Desbravadores em 1948. Cada cor representa um ideal para os nossos Desbravadores. A parte azul é para a coragem e lealdade, a branca representa a pureza. O triângulo está colocado no meio da bandeira. O pastor Bergh escreveu também o hino «Desbravadores» que foi copy-right em 1952.

Em 1950 o Departamento de Jovens da Conferência Geral adoptou o programa do Clube de Desbravadores MV Juvenil para todo o campo mundial.

O Crescimento dos Desbravadores e Suas Novas Dimensões

Os Desbravadores não se contentam com um simples entretenimento. Há um certo gosto, uma certa impaciência e espírito de aventura entre a nossa mocidade juvenil

que devem ser canalizados para projectos e consecuições que realmente mereçam a pena. Em 1952, um clube de Desbravadores de Wisconsin respondeu à ideia de fazer da noite do Dia de Todos os Santos uma noite de actividade missionária em vez das partidas que é hábito fazer em muitas regiões, e começou o projecto «Um contacto em vez de uma partida», aproveitando o engraçado jogo de palavras em inglês: *A Treat-instead-of-a-trick*. Este projecto foi adoptado em toda a América e cada ano a Conferência Geral prepara um folheto para os Desbravadores usarem ao solicitar géneros e alimentos enlatados para os necessitados e para inscreverem pessoas nos Cursos de Bíblia por Correspondência. No ano passado os Desbravadores recolheram 237 007 latas de géneros e distribuíram 4402 cestos de alimentos aos necessitados na América. Também juntaram e distribuíram 32 927 artigos de vestuário.

Os Desbravadores atingiram novas dimensões. Nos meados dos anos cinquenta foi introduzido o Rally dos Desbravadores que na América se denomina «Camporee». Um «rally» ou «camporee» é uma experiência de acampamento de três ou quatro dias, levada a efeito pela conferência ou união locais, em que participam Clubes de Desbravadores que estão equipados e treinados para acampar em áreas primitivas. As refeições são preparadas pelas unidades, usam tendas como alojamento e os Desbravadores demonstram suas capacidades na arte de acampar e sobreviver num meio selvagem.

As feiras de Desbravadores tornaram-se um acontecimento anual. A Associação local reúne todos os seus clubes para exercícios de conjunto — trabalhos manuais e exposições, actividades sobre a natureza, paradas e demonstrações. O acontecimento atrai os pais e as autoridades municipais e dá oportunidade à nossa juventude juvenil de mostrar o que aprenderam.

Em 1957 acrescentou-se ao Calendário da Igreja o *Dia do Desbravador MV*, que é geralmente o terceiro Sábado de Setembro. Esta disposição confere ao Clube dos Desbravadores reconhecimento por parte da igreja e informa-a dos seus objectivos e realizações, recruta membros adultos da igreja como conselheiros e encoraja rapazes e meninas que ainda não são membros a unirem-se ao Clube. É um dia especial para os Desbravadores, que assistem à Igreja em uniforme e participam no programa com os seus dirigentes.

Em 1922 foram organizadas as classes progressivas (agora chamadas Classes MV) que desde então começaram a fazer parte do programa da igreja. Os Desbravadores

podem obter distinções profissionais e ser investidos como Amigos, Companheiros, Pesquisadores e Guias. Há também outras classes em que estas se subdividem e todas são levadas a efeito em cooperação com as escolas de igreja e os clubes de Desbravadores, que proporcionam a devida espécie de treino em actividades ao ar livre de que os rapazes e meninas precisam e que para eles é um verdadeiro incentivo. As classes mais avançadas representam um repto real aos Desbravadores mais velhos, que são treinados como conselheiros de juvenis.

Planos para o Aniversário de 1974

1974-1975 foi escolhido pela Conferência Geral para a celebração do Aniversário de Prata dos Desbravadores. A data do aniversário vai de 1950 a 1975, mas por causa da sessão da Conferência Geral em Viena, que terá lugar em 1975, foi votado começar a celebração em 1974 e prolongá-la até 1975.

O Departamento de Jovens, em conselho com os directores de jovens de todo o mundo, formulou muitos planos que espera realizar em 1974-1975. Estes vão ser os maiores anos no programa dos Desbravadores.

O nosso objectivo mundial de membros de Desbravadores é de 85 000 em 1975, mas os números correntes mostram que em Dezembro de 1972 já havíamos chegado aos 85 191 membros. Louvado seja o Senhor por este extraordinário crescimento! O objectivo Norte-Americano é de 27 000 e já temos mais de 24 000. Quando se organizarem mais 300 clubes alcançaremos o alvo mundial de clubes, que é 4000. Na América do Norte precisam-se de 324 novos clubes para se alcançar o seu objectivo de 1975. Em Dezembro de 1972 havia 1289 Clubes de Desbravadores na Divisão Norte-Americana.

O mundo juvenil está vibrando de entusiasmo para chegar a 1975. Foi feito um lindo cartaz intitulado: «Sorri, és um Desbravador!» Este cartaz está sendo enviado a todos os campos e apresenta uma montagem dos Desbravadores de todo o mundo à volta de «*Sorridente*», a face feliz do Desbravador. O emblema oficial do Aniversário é em moderno formato *logotype* com um círculo das cores do Desbravador e o número 25 no centro, atrás do triângulo do Desbravador. As flechas, apontando em quatro direcções, mostram que os Desbravadores são um grupo de nível mundial com a mesma mensagem expressa no cântico: «Eu sou um Desbravador, às ordens de Jesus ...»

Mas um novo tom foi acrescentado à marcha dos Desbravadores. O Pastor Lowell Litten, editor da Revista *Guide*, compôs a letra e música de um cântico de aniversário intitulado: «Sorri, és um Desbravador!»

O tema para os rallys ou camporees das Divisões e Uniões é: «Exploração 74». Prepararam-se programas históricos próprios para serões de acampamento em volta de fogueira, sobre os grandes pioneiros do Advento e os Desbravadores explorarão as suas vidas e a vida do maior Explorador, Jesus Cristo, que veio ao planeta Terra para salvar a humanidade.

A mesma companhia que fez as placas de «souvenir» para a inauguração do Presidente Nixon, está preparando as placas «souvenir» dos Desbravadores para 1974. Encomendaram-se 5000 que serão vendidas aos Desbravadores e pelos Desbravadores aos seus amigos. Um livro de cânticos de Desbravadores, material audio-visual e um novo Manual do Desbravador farão também a sua aparição nos anos do aniversário.

Como pode *você* ajudar os vinte-e-cinco anos dos Desbravadores? Muito simples:

Se é um jovem junior, inscreva-se imediatamente no Clube dos Desbravadores. Fale com o seu pastor para começarem um Clube na sua igreja, se não existir já um em funcionamento. Leia a sua *Devoção Matinal* cada dia. E certifique-se de que vai tomar parte numa Campanha da Voz da Mocidade Juvenil.

Se é um jovem senior, tome tempo para ajudar a dirigir os nossos rapazes e meninas, trabalhando como conselheiro, adjunto ou mesmo como director do Clube.

Se é adulto, dê o seu completo apoio e contributo ao Clube, trabalhando como director-adjunto, conselheiro ou instrutor.

Se é um pai, certifique-se de que seus filhos são membros do Clube; este é um plano da igreja para a nossa mocidade juvenil.

Se é um pastor, assegure-se de que a sua igreja possui um Clube de Desbravadores e que este é plenamente apoiado pela igreja. O Clube de Desbravadores é um meio para ganhar muitos dos nossos juvenis para Cristo. Organize uma campanha da Voz da Mocidade Juvenil.

O que quer que sejam chamados — «Desbravadores» nos territórios de língua portuguesa, «Conquistadores» na América Latina, «Éclaireurs» nos países de língua francesa, «Cadets» na Europa ou «Pathfinders» nos territórios de língua inglesa — *você* captará o seu espírito quando dizem: «Sorri, és um Desbravador!»